



ESCUTA DAS ADOLESCÊNCIAS EM FORTALEZA: REFLEXÃO PARA MOBILIZAÇÃO COLETIVA POR APRENDIZAGENS SIGNIFICATIVAS NA ESCOLA

Ana Márcia Maia Gadelha de Andrade¹

RESUMO

O presente estudo intitulado “Escuta das Adolescências em Fortaleza: reflexão para mobilização coletiva por aprendizagens significativas na escola” analisa a importância da escuta qualificada de estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental como estratégia para a construção de uma escola com identidade própria e voltada ao desenvolvimento integral dos adolescentes. Inserida no contexto da Política Nacional Escola das Adolescências, a iniciativa da Semana da Escuta, realizada entre 13 e 31 de maio de 2024, mobilizou mais de 2,2 milhões de estudantes em todo o país. O objetivo principal foi ouvir de forma sistêmica os estudantes dos 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental. Essa mobilização nacional buscou compreender suas opiniões, percepções e prioridades em relação a quatro eixos temáticos: currículo; clima e convivência; inovação; e participação. Esta pesquisa em Fortaleza, de abordagem quali-quantitativa, evidenciou que os adolescentes atribuem à escola um papel central de socialização, convivência e acesso a experiências socioculturais, mas identificam fragilidades na participação cidadã e no acesso à informação. Os resultados apontam para a necessidade de fortalecer o protagonismo juvenil e promover aprendizagens significativas que integrem dimensões cognitivas, afetivas e sociais, favorecendo a formação integral dos adolescentes no século XXI.

Palavras-chave: Adolescências. Escuta Qualificada. Aprendizagens Significativas. Protagonismo Juvenil. Formação Integral.

¹ Especialista em Coordenação Pedagógica pela UFC. Mestranda em Ciências da Educação pela UNAES/PY.

1.INTRODUÇÃO

A escola, enquanto instituição social em constante interação com a realidade cultural, social e política, desempenha um papel fundamental no desenvolvimento humano, especialmente durante a adolescência, uma etapa singular marcada por intensas

transformações físicas, emocionais, cognitivas e sociais. Nesse sentido, compreender os sujeitos que vivenciam cotidianamente o ambiente escolar nos anos finais do ensino fundamental é muito relevante, pois a emergência de novos interesses, necessidades e comportamentos influencia diretamente o processo de aprendizagem e a relação dos estudantes com a escola. Ao abordar o conceito de adolescências, reconhece-se que não se trata de uma faixa etária única e consensual, mas de um período de transição e amadurecimento do pensamento. Vygotsky (1931/2000, p. 229) “(...) a adolescência não é um período de conclusão, mas de crise e amadurecimento do pensamento. No que tange à formação superior do pensamento, acessível à mente humana, essa idade é também transitória, e o é em todos os seus sentidos”.

Diante deste cenário, o presente estudo, intitulado "Escuta das adolescências em fortaleza: Reflexão para mobilização coletiva por aprendizagens significativas na escola", propõe-se a refletir e mobilizar escolas, gestores, professores e estudantes na construção de um ambiente escolar que promova aprendizagens significativas a partir de um processo de escuta qualificada com foco nas adolescências na Rede Municipal de Ensino de Fortaleza. A relevância dessa abordagem justifica-se pela necessidade de reconhecer as demandas e as expectativas dos adolescentes, favorecendo práticas pedagógicas que fortaleçam sua formação integral. Pesquisas em Neurociência e conceitos como a aprendizagem significativa de Ausubel (2003) reforçam que a estrutura cognitiva se reestrutura a partir da incorporação de novas ideias, evidenciando a importância de identificar o conhecimento prévio dos estudantes.

Nesse contexto, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) enfatiza a importância de práticas pedagógicas que promovam a autonomia, o protagonismo, a escuta ativa e o desenvolvimento integral, articulando dimensões cognitivas, emocionais, sociais e culturais, e favorecendo a construção de competências essenciais à vida contemporânea. A iniciativa Semana da Escuta das Adolescências nas Escolas, promovida pelo Ministério da Educação (MEC), com o apoio da UNDIME e CONSED, buscou identificar pontos de melhoria, fomentando o envolvimento dos estudantes no diagnóstico e na implementação de soluções, e possibilitando à comunidade escolar fortalecer seu planejamento de ações pedagógicas. Essa iniciativa é uma ferramenta importante para qualificar a oferta dos Anos Finais, visando uma educação de qualidade com equidade.

A metodologia empregada na Semana da Escuta das Adolescências em Fortaleza, de caráter quali-quantitativo, configurou-se como uma iniciativa investigativa promovida pelo MEC, em maio de 2024. Envolveu a aplicação de um questionário a mais de 2,2 milhões de estudantes em todo o Brasil, incluindo 18.237 respondentes da Rede Municipal de Ensino de Fortaleza, e atividades de escuta ativa como rodas de conversa, debates e oficinas realizadas nas escolas. Tais instrumentos permitiram investigar as percepções dos estudantes sobre como se definem (cor/raça e deficiência), o que a escola representa, conteúdos relevantes para a vida, atividades indispensáveis para o futuro, formas de aprender melhor, melhoria da convivência, participação na escola e aspectos da vida fora da escola. Os resultados compilados visam apoiar gestores e professores na criação de ambientes escolares mais acolhedores e relevantes para os adolescentes. Ao assumir a escuta como princípio orientador, busca-se ampliar o engajamento coletivo e consolidar uma cultura escolar que valorize a participação dos adolescentes, fortalecendo vínculos e qualificando aprendizagens para a formação de cidadãos críticos e atuantes no século XXI.

2.REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Sobre adolescência

A adolescência constitui uma etapa singular do desenvolvimento humano, marcada pela transição da infância para a vida adulta e caracterizada por intensas transformações físicas, cognitivas, emocionais, sociais e culturais. A palavra tem origem no latim *adolescentia, ae*, e seus sinônimos incluem puberdade, juvenilidade, juventude e mocidade (DICIO, 2024).

A Organização Mundial da Saúde (OMS) delimita esse período entre os 10 e 19 anos, enquanto o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) define o adolescente como aquele entre 12 e 18 anos, assegurando-lhe direitos fundamentais, como vida, saúde, liberdade, dignidade e convivência comunitária.

Do ponto de vista psicológico, Vygotsky (1935/1989), destaca que, enquanto na infância o pensamento depende da memória, na adolescência ocorre uma inversão: a memória passa a ser orientada pelo pensamento. Isso se deve, segundo o autor, ao fato de que, nesse período, a memória encontra-se “carregada de lógica”, de modo que o ato de recordar transforma-se em estabelecer relações lógicas. Assim, o reconhecimento não se limita a reproduzir informações, mas consiste em identificar, de forma reflexiva, o elemento que a situação cognitiva exige que seja destacado.

A literatura contemporânea reforça a necessidade de compreender os adolescentes como sujeitos de direitos e protagonistas de sua própria trajetória, superando a visão de “vir-a-ser” para reconhecê-los como sujeitos do presente (SIEGEL, 2016). Nessa direção, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) aponta a importância de práticas pedagógicas que articulem dimensões cognitivas, socioemocionais e culturais, promovendo protagonismo, escuta ativa, equidade e valorização da diversidade (BRASIL, 2018).

Nesse sentido, favorecer a participação dos estudantes nos processos decisórios escolares configura-se como estratégia essencial para o fortalecimento da autonomia e da responsabilidade, ampliando as possibilidades de desenvolvimento integral e formação cidadã. Assim, a adolescência deve ser concebida não apenas como etapa de transição, mas como período de potencialidades, em que a escola desempenha papel central na promoção de ambientes inclusivos, acolhedores e formativos.

Adotar essa perspectiva implica que as práticas pedagógicas sejam organizadas de forma a favorecer o desenvolvimento integral do adolescente, promovendo não apenas o aprendizado cognitivo, mas também o crescimento emocional, social e cultural.

2.2 Sobre a Escola

A Escola, enquanto instituição social, deve responder às necessidades e características dos estudantes, assegurando uma educação de qualidade social, compreendida como direito humano fundamental (BRASIL, 2010). As Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental definem essa qualidade a partir de três princípios: relevância, entendida como a promoção de aprendizagens significativas; pertinência, que implica

atender à diversidade de contextos sociais e culturais; e equidade, compreendida como o tratamento diferenciado de situações desiguais, de modo a garantir igualdade de oportunidades (BRASIL, 2010).

Nessa perspectiva, a escola destinada aos adolescentes precisa reconhecer a diversidade de corpos, identidades, subjetividades e contextos sociais, estruturando projetos pedagógicos e ambientes de aprendizagem que favoreçam inclusão e participação (BRASIL, 2018). Libâneo (2012) reforça essa concepção ao compreender a escola como instituição em constante interação com as realidades culturais e políticas. Já Freire (1996) defende que a educação deve dialogar com o contexto de vida dos sujeitos, rompendo com os limites institucionais e valorizando a articulação entre saberes escolares e experiências comunitárias.

Dayrell (2007) acrescenta que a escola constitui espaço privilegiado de socialização juvenil, onde a participação em grupos e a construção de identidades coletivas são fundamentais para o desenvolvimento da autonomia. Para os adolescentes, a instituição não é apenas um lugar de aquisição de conteúdos, mas também de interação, convivência e construção de sentidos, o que demanda práticas pedagógicas democráticas e inclusivas.

2.3 Sobre escuta

O verbo escutar, derivado do latim *auscultare*, implica uma atitude ativa de atenção consciente, que ultrapassa o simples ato de ouvir. Escutar envolve acolher o discurso do outro, considerar suas perspectivas e estabelecer uma relação dialógica (Dicio, 2025). No campo educativo, essa concepção ganha relevância ao ser articulada às competências gerais da BNCC, que incluem a comunicação como dimensão essencial da formação integral. Tal competência prevê o desenvolvimento da escuta ativa e do uso de múltiplas linguagens — verbal, corporal, visual, sonora e digital — como recursos para a expressão e para a construção de sentidos (BRASIL, 2018).

Compreender a escuta como princípio pedagógico implica reconhecer os adolescentes como sujeitos históricos e produtores de conhecimento. Para Freire (1996), a democracia escolar somente se concretiza quando há diálogo autêntico, em que os estudantes são ouvidos e considerados em suas experiências. Assim, ao articular a adolescência como etapa de potencialidades à escuta qualificada no espaço escolar, cria-se um ambiente capaz de favorecer o desenvolvimento integral, ampliar a cidadania juvenil e consolidar uma cultura escolar democrática, inclusiva e colaborativa.

2.4 Sobre aprendizagem significativa

Pesquisas contemporâneas no campo da Neurociência têm demonstrado que o processo de aprendizagem promove alterações na estrutura física do cérebro. Tais modificações decorrem da criação de novas conexões neurais, que permitem ao sistema nervoso responder às diferentes demandas que lhe são impostas, configurando um movimento contínuo de reorganização. Nessa direção, Ausubel (2003) compreende a aprendizagem como um processo de ampliação e reestruturação da organização cognitiva, resultante da incorporação de novas ideias.

Tal perspectiva fundamenta o conceito de aprendizagem significativa, na qual “a estrutura cognitiva é sempre uma variável relevante e crucial, mesmo que não seja influenciada nem manipulada de forma deliberada, de modo a verificar-se o efeito que surte na nova aprendizagem” (AUSUBEL, 2003, p. 10). A partir desse entendimento, o autor enfatiza que o desenvolvimento de competências e habilidades informacionais deve considerar como aspecto central a identificação dos conhecimentos prévios do indivíduo, uma vez que é a partir deles que se torna possível apoiar a organização e a ampliação de sua estrutura cognitiva.

2.4.1 Semana da escuta das adolescências

A Semana da Escuta das Adolescências nas Escolas, iniciativa, promovida pelo Ministério da Educação (MEC), com o apoio da UNDIME (União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação) e do CONSED (Conselho Nacional dos Secretários de Educação), envolveu mais de 20 mil escolas em todo o Brasil. O propósito foi ouvir os estudantes sobre sua relação com a escola e identificar pontos de melhoria nesta etapa de ensino.

Com o propósito de fortalecer a prática da escuta no contexto escolar, o Ministério da Educação (MEC) disponibilizou um conjunto de orientações estruturadas, envolvendo especialistas, educadores, estudantes, escolas e redes de ensino municipais, distritais e estaduais. Entre as ações promovidas, destacam-se:

- Webinários: Foram realizados dois encontros virtuais, com objetivos distintos. O primeiro, intitulado Escola das Adolescências | Escutar e Acolher (25/04/2024) e o segundo, Escola das Adolescências | Participar e Conviver (30/04/2024);
- Documentos orientadores e materiais de apoio: Foram disponibilizados documentos específicos para gestores e docentes, incluindo apresentações em formato de slides sobre a Semana da Escuta, roteiros orientadores de atividades para estudantes do 6º ao 9º ano e formulários para respostas diretas dos alunos;
- Roteiros e sugestões de atividades: Para facilitar os processos de escuta e interação entre estudantes e professores, foram propostas diversas atividades lúdico-pedagógicas.

Essas iniciativas refletem o compromisso do MEC em articular práticas pedagógicas que valorizem a escuta ativa dos adolescentes, contribuindo para a construção de ambientes escolares mais inclusivos e participativos.

2.4.2 Semana da Escuta das Adolescências na Rede Municipal de Ensino de Fortaleza

Durante a Semana da Escuta das Adolescências, os alunos dos Anos Finais do ensino fundamental foram convidados a responder um questionário com 14 perguntas. O objetivo era compreender melhor o que deve ser ensinado na escola, como otimizar o aprendizado, melhorar a convivência no ambiente escolar e ampliar a participação dos estudantes.

A Rede Municipal de Ensino de Fortaleza registrou os seguintes quantitativos de estudantes matriculados em 2024 (Tabela 1).

TABELA 1. Quantitativo matrícula em 2024 nos anos finais do ensino fundamental na Rede Municipal de Ensino de Fortaleza

ANO/SÉRIE	6º ano	7º ano	8º ano	9º ano	TOTAL
QUANTITATIVO ESTUDANTES	18.998	19.621	19.654	19.387	77.660

Fonte: Infográfico elaborado pela autora com base nos dados da SME/COPLAN

Em Fortaleza, a Semana da Escuta das Adolescências envolveu estudantes dos 6º/7º e 8º/9º anos do Ensino Fundamental, contemplando tanto a rede municipal quanto a estadual. Foram registradas 9.062 respostas nos 6º/7º anos e 10.110 nos 8º/9º anos. No âmbito da Rede Municipal, a adesão revelou-se significativa: das 151 unidades escolares que atendiam aos Anos Finais em 2024, 135 participaram da iniciativa (Tabela 2), reunindo 18.237 respondentes.

TABELA 2. Participação das escolas da Rede Municipal de Ensino de Fortaleza na Escuta das Adolescências

Quantidade de escolas que atendem anos finais	PARTICIPAÇÃO DAS ESCOLAS NA ESCUTA			
	Quantidade de escolas com respondentes	Percentual	Quantidade de escolas sem respondentes	Quantidade de respondentes
151	135	90%	16	18.237

Fonte: Infográfico elaborado pela autora com base na Devolutiva da Escuta - MEC

Quando comparado ao total de 77.660 matrículas (Tabela 1), esse quantitativo corresponde a 23,48% de participação dos estudantes. Esse percentual, embora não atinja a totalidade do público-alvo, constitui um indicador relevante de engajamento, evidenciando o potencial da ação para dar visibilidade às vozes juvenis. Ao mesmo tempo, o dado também aponta para desafios no que se refere ao

fortalecimento da mobilização e da adesão plena dos estudantes, aspecto esse que merece ser considerado em análises futuras e em processos de aprimoramento da iniciativa.

Os resultados desses questionários foram compilados em relatórios específicos para apoiar gestores e professores na criação de ambientes escolares mais acolhedores e relevantes para os adolescentes.

3.METODOLOGIA

A Semana da Escuta das Adolescências, promovida pelo Ministério da Educação (MEC), em maio de 2024, configurou-se como uma iniciativa de caráter investigativo com enfoque quali-quantitativo, visando compreender a experiência escolar dos adolescentes nos anos finais do ensino fundamental. De acordo com o MEC, a ação contou com escuta qualificada em escolas, instrumentos diferenciados, dois webinários preparatórios e a mobilização de estudantes em todo o país, buscando construir subsídios para o Programa Escola das Adolescências.

No que se refere à dimensão quantitativa, o levantamento envolveu mais de dois milhões de estudantes. Segundo o MEC, foram registradas 2.271.966 respostas, de 20.965 escolas, o que representa 44% das instituições com anos finais do ensino fundamental. Esses dados revelam a abrangência da iniciativa, permitindo uma análise estatística em larga escala acerca das percepções dos adolescentes.

Por outro lado, a dimensão qualitativa foi desenvolvida em atividades de escuta ativa, realizadas nas escolas por meio de rodas de conversa, debates e oficinas. Destacamos aqui a escuta dos estudantes como essencial para que eles expressem suas vivências, expectativas e sentimentos em relação ao ambiente escolar, promovendo o fortalecimento do protagonismo juvenil. Esse processo possibilitou perceber as variações subjetivas do cotidiano escolar, complementando os dados numéricos.

A integração das duas perspectivas evidencia a adoção de um desenho de pesquisa mista, que, conforme Creswell e Plano Clark (2011, p. 5), “consiste na coleta, análise e integração de dados quantitativos e qualitativos em um único estudo, com o propósito de se obter uma compreensão mais abrangente do fenômeno investigado”. Nesse mesmo sentido, Minayo (2010, p. 23) defende que “a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares, preocupando-se com um nível de realidade que não pode ser quantificado, mas que, articulada ao quantitativo, amplia a compreensão do objeto estudado”. Do ponto de vista educacional, Lüdke e André (1986, p. 11) reforçam que “a pesquisa qualitativa pode oferecer contribuições relevantes para a compreensão dos processos escolares, sobretudo quando combinada a levantamentos quantitativos que revelam a extensão dos fenômenos investigados”.

Portanto, a Escuta das Adolescências exemplifica a potencialidade da abordagem quali-quantitativa, ao conjugar volume estatístico e profundidade interpretativa. Além de produzir dados em larga escala, o processo valorizou o protagonismo juvenil e a voz dos estudantes na formulação de políticas educacionais. Como enfatizou o MEC, o programa reafirma o protagonismo juvenil e contribui para a elaboração de práticas escolares mais inclusivas e conectadas à realidade dos estudantes.

Os questionários variaram conforme o grupo de alunos (6º/7º anos e 8º/9º anos), permitindo comparações úteis para o planejamento de ações voltadas a tornar a escola mais significativa para os adolescentes. A primeira seção apresentou o perfil dos participantes, com o objetivo de verificar se os respondentes refletiram a diversidade existente na escola. Na hipótese de algum grupo ter sido excluído, considerou-se relevante investigar as razões. As demais seções corresponderam a cada uma das perguntas do questionário, cujos resultados foram apresentados de duas formas: um resumo com categorias agrupadas e uma exposição detalhada da distribuição das respostas entre os itens.

Apenas na segunda seção os estudantes responderam se concordavam ou discordavam de afirmações, enquanto nas demais questões podiam selecionar até três alternativas, o que pode fazer com que a soma dos percentuais ultrapasse 100%. O relatório também inclui notas técnicas e sugestões de análise para ajudar na interpretação dos dados e estimular reflexões que possam contribuir para ações futuras.

Para apoiar esse processo, foram elaborados roteiros específicos de devolutiva para gestores escolares e professores. No material destinado aos gestores, há orientações sobre como requisitar os dados da escola e desenvolver um plano de ação com base nas sugestões apresentadas por alunos e professores. Já o guia voltado aos educadores traz um roteiro detalhado de abordagem deliberativa, adequado para ser aplicado em turmas de 6º/7º anos e 8º/9º anos. Uma das atividades recomendadas para as escolas é o Fórum das Adolescências na Escola, um espaço coletivo no qual os estudantes analisam os dados do relatório do questionário individual e, por meio de consensos, formulam recomendações para tornar o ambiente escolar mais acolhedor e favorável ao desenvolvimento integral dos adolescentes.

4.DISSCUSSÕES DOS RESULTADOS E CONCLUSÕES

O relatório da Devolutiva da Escuta das Adolescências apresenta uma análise detalhada das percepções dos estudantes das escolas municipais/estaduais de Fortaleza sobre diversos aspectos da vida escolar. As respostas foram organizadas em relatórios estruturados em oito seções: Como os estudantes se definem; O que a escola representa para os estudantes; Os conteúdos que fazem os estudantes se desenvolverem mais para a vida; Atividades indispensáveis na escola do futuro; Formas de aprender melhor na escola; Como ter uma convivência melhor na escola; Como participar mais da escola; e Aspectos da vida do estudante fora da escola

O relatório é dividido em dois grupos de respondentes: Estudantes do 6º/7º anos (9.062 respostas); Estudantes do 8º/9º anos (10.100 respostas). Sendo que dos 19.162 respondentes, 18.237 são da rede municipal conforme visto na tabela 2, o que corresponde a 95,17%. Contabilizando apenas 925 estudantes da rede estadual.

A Rede Municipal de Ensino de Fortaleza teve um resultado expressivo de escolas com Devolutiva na Escuta das Adolescências nas escolas (Tabela 3).

TABELA 3. Quantitativo de escolas com Devolutiva na Escuta com base na participação na Escuta

ESCOLAS COM DEVOLUTIVA DA ESCUTA			
6º E 7º anos		7º E 9º anos	
Quantidade de Escolas	Percentual	Quantidade de Escolas	Percentual
84	62%	85	63%

Fonte: Infográfico elaborado pela autora com base na Devolutiva da Escuta - MEC

A análise cuidadosa e reflexiva dos dados obtidos na Semana da Escuta das Adolescências é essencial para que as devolutivas sejam significativas, contribuindo de maneira produtiva e construtiva para o desenvolvimento da prática escolar.

O estudo tratará dos dados da devolutiva da escuta dos adolescentes em relação a “Como os estudantes se definem” e “O que a escola representa para os estudantes”. Essa reflexão traz como base Vygotsky (1931/2000), que destaca uma atenção especial a esta fase da vida e como o meio cultural tem determinante função no desenvolvimento.

(...) onde o meio não cria os problemas correspondentes, não apresenta novas exigências, nem motiva nem estimula com novos objetivos o desenvolvimento do intelecto, o pensamento do adolescente não desenvolve todas as potencialidades que efetivamente contém, não atinge as formas superiores ou chega a elas com um extremo atraso. (p. 171).

Como os estudantes se definem

Compreender como os estudantes se percebem é fundamental para analisar a construção de suas identidades e fomentar o respeito à diversidade no contexto escolar. A partir dos dados de autodeclaração de cor/raça e condição de deficiência, torna-se possível avaliar a representatividade dos respondentes em relação ao conjunto de matrículas municipais e estaduais, identificando eventuais sub-representações. Essa análise também permite refletir sobre a efetividade das políticas de inclusão, especialmente diante da baixa participação de estudantes com deficiência, a qual pode indicar a persistência de barreiras que restringem sua plena manifestação e inserção no processo educativo.

Os relatórios da Semana da Escuta das Adolescências apresentam a percepção e o sentimento dos estudantes em relação a como se definem (cor/raça e deficiência) (Tabelas 4 e 5). Isso demonstra um reconhecimento da sua identidade e diversidade.

De acordo com a tabela 4, a maioria dos estudantes se autodeclara parda ou branca, com menor representatividade de amarelos e indígenas. A composição racial reflete padrões comuns no Brasil, mas pode haver sub-representação de determinados grupos devido a barreiras de participação.

TABELA 4. Autodeclarações dos estudantes em cor/raça - Anos Finais.

COR/RAÇA	Pardo	Branco	Preto	Não sei	Amarelo	Indígena
6º/7º anos (9.062 respostas)	61%	19%	11%	4%	3%	2%
8º/9º anos (10.10 respostas)	58%	21%	13%	3%	3%	2%

Fonte: Infográfico elaborado pela autora com base na Devolutiva da Escuta (2025)

Em relação à autodeclaração dos estudantes como Pessoas com Deficiência, os

estudantes do 6º/7º anos têm um percentual maior de declaração que os do 8º/9º anos (Tabela 5).

TABELA 5. Autodeclarações dos estudantes em Pessoas com Deficiência - Anos Finais

	6º/7º Anos	8º/9º Anos
PESSOAS COM DEFICIÊNCIA	(9.062 respostas)	(10.100 respostas)
Declararam-se pessoas com deficiência	7%	5%

Fonte: Infográfico elaborado pela autora com base na Devolutiva da Escuta (2025)

O que a escola representa para os estudantes

Com o objetivo de compreender as representações que os estudantes atribuem à escola, os respondentes foram convidados a manifestar concordância ou discordância em relação a determinadas afirmações. Os alunos do 6º/7º anos avaliaram um conjunto de 12 enunciados, enquanto os do 8º/9º anos analisaram 15. Para fins de sistematização e clareza interpretativa, as afirmações foram organizadas em quatro categorias (Tabela 6), sendo posteriormente consolidadas a partir do percentual de concordância registrado em cada item do questionário.

TABELA 6. Proporção dos estudantes que concordam com as afirmações distribuídas em quatro categorias da seção “O que a escola representa para os estudantes”

CATEGORIAS	6º/7º Anos	8º/9º Anos
	(9.062 respostas)	(10.100 respostas)
Acolhimento e pertencimento	62%	54%
Relacionamento e socialização	63%	56%
Aprendizado e autoconhecimento	64%	59%
Participação	62%	51%

Fonte: Infográfico elaborado pela autora com base na Devolutiva da Escuta (2025)

Os dados apresentados na tabela acima levam em consideração os percentuais de respostas dos estudantes nas categorias: acolhimento e pertencimento, relacionamento e socialização, aprendizado e autoconhecimento e participação. Na análise desses dados, percebe-se variações entre os estudantes dos 6º/7º anos e 8º/9º anos.

Em relação à categoria Acolhimento e pertencimento, os resultados indicam que 62% dos estudantes do 6º/7º anos percebem sentir acolhimento e pertencimento na escola, enquanto esse índice cai para 54% no 8º/9ºanos. Tal diminuição sugere que, à medida que os estudantes avançam nos anos escolares, há uma percepção menor de acolhimento e vínculo com o ambiente escolar, podendo refletir maior autonomia, mas também possíveis lacunas no suporte afetivo e emocional proporcionado pela escola.

Na categoria Relacionamento e socialização, percebe-se um padrão mais próximo entre os grupos, com 63% (6º/7º anos) e 56% (8º/9ºanos). Embora a maioria ainda perceba relações sociais positivas, a redução indica que os estudantes mais velhos podem experimentar desafios maiores nas interações interpessoais, seja entre colegas ou na relação com professores.

Quanto à categoria Aprendizado e autoconhecimento, 64% (6º/7º anos) apresentam progresso no conhecimento pessoal e nas disciplinas, enquanto nos 8º/9ºanos esse percentual diminui para 59%. Esse decréscimo pode refletir maior complexidade das disciplinas ou uma percepção de dificuldade em identificar crescimento na aprendizagem, sugerindo a necessidade de estratégias pedagógicas que promovam autoconhecimento e motivação nos anos finais. De acordo com Minayo (2010), a compreensão de fenômenos sociais exige captar tanto a dimensão objetiva (quantitativa) quanto a subjetiva (qualitativa), o que, neste caso, implica interpretar os percentuais em diálogo com as vivências e percepções dos estudantes.

Já a categoria Participação apresenta a menor pontuação entre os estudantes do 8º/9ºanos, com 51%, em comparação com 62% do 6º/7º anos. Tal diferença indica que os estudantes mais jovens percebem maior possibilidade de envolvimento em decisões e atividades escolares, enquanto nos 8º/9ºanos há uma sensação de menor inclusão nos processos participativos da escola. Esse dado evidencia a importância de políticas e práticas que ampliem a participação ativa dos estudantes mais velhos, fortalecendo sua voz no ambiente escolar. Como destacam Lüdke e André (1986), a escuta e o reconhecimento das vozes dos sujeitos são fundamentais para a construção de um ambiente educativo democrático e participativo. A ausência desse espaço pode gerar desmotivação, dificultando a consolidação do protagonismo juvenil.

Com isso, observa-se que os estudantes dos 6º/7º anos relatam percepções mais positivas em todas as categorias avaliadas. Já os alunos dos 8º/9º anos apresentam uma diminuição consistente nos índices de acolhimento, socialização, aprendizado e participação. Esses padrões indicam que o ambiente escolar precisa reforçar estratégias de apoio socioemocional, promoção de interações respeitadas, incentivo à participação e metodologias que estimulem o autoconhecimento, especialmente nos anos finais do ensino fundamental. O fortalecimento dessas dimensões é essencial para tornar o ambiente escolar mais acolhedor, inclusivo e estimulante para o desenvolvimento integral dos estudantes.

Para uma melhor reflexão, serão tratadas, aqui, as respostas dos estudantes que concordam com as afirmações sobre as quatro categorias que indicam “O que a escola representa para os estudantes”. Ao analisar os dados, entendemos o que eles revelam sobre os sentimentos e percepções: estudantes estão se sentindo acolhidos? A escola é um lugar de participação e socialização para eles? O quanto a escola representa um espaço para aprender conteúdos e conhecerem a si mesmos?

A categoria Acolhimento e Pertencimento avalia a sensação de segurança, bem-estar e confiança em adultos na escola, conforme tabela 7.

TABELA 7. Proporção dos estudantes que concordam com as afirmações sobre como os estudantes se sentem acolhidos e pertencentes à escola.

AFIRMAÇÃO	6º/7º anos (9.060 respondentes)	8º/9º anos (10.099 respondentes)
“Tem pelo menos um adulto em quem confio”.	73%	66%
“Me sinto bem”.	62%	54%
“Existe um ambiente seguro”.	57%	48%
“Sinto que os adultos me acolhem”.	56%	48%

Fonte: Infográfico elaborado pela autora com base na Devolutiva da Escuta (2025)

Os dados indicam uma diminuição na percepção de acolhimento e segurança à medida que os estudantes progridem para os anos finais mais avançados. A confiança em um adulto na escola permanece bem avaliado em ambos os grupos, mas é visivelmente menor entre os estudantes do 8º e 9º anos. Esses padrões indicam que, à medida que os adolescentes avançam nos anos finais do Ensino Fundamental, a percepção de vínculo, suporte emocional, engajamento social e protagonismo diminui, sugerindo a necessidade de estratégias pedagógicas e relacionais diferenciadas para esta faixa etária.

Embora a confiança em adultos permaneça relevante, a diminuição geral sugere a necessidade de fortalecimento de vínculos afetivos e estratégias de acolhimento contínuo nos anos finais.

De acordo com a categoria Relacionamento e Socialização é possível analisar as interações entre estudantes e profissionais da escola, bem como nas amizades (Tabela 8).

TABELA 8. Proporção dos estudantes que concordam com as afirmações sobre o relacionamento e a socialização na escola

AFIRMAÇÕES	6º/7º anos (9.060 respondentes)	8º/9º ano (10.099 respondentes)
“Tenho amigos ou amigas com quem gosto de estar”.	83%	80%
“Profissionais respeitam e valorizam estudantes”.	69%	60%
“Estudantes respeitam e valorizam professores”.	37%	29%

Fonte: Infográfico elaborado pela autora com base na Devolutiva da Escuta (2025)

A presença de amizades é um ponto forte para ambos os grupos, com percentuais elevados. No entanto, o respeito mútuo entre estudantes e professores e o reconhecimento por parte dos profissionais mostram-se inferiores, principalmente entre os estudantes mais

velhos, o que pode impactar a motivação e o engajamento escolar. Essa redução, no 8º e 9º anos, indica desafios de convivência que podem impactar a aprendizagem e a motivação, reforçando a importância de práticas de mediação e construção de relações respeitadas. As afirmações sobre o crescimento intelectual e pessoal que os estudantes atribuem à escola serão refletidas na categoria Aprendizado e Autoconhecimento (Tabela 9).

TABELA 9. Proporção dos estudantes que concordam com as afirmações sobre o aprendizado e o autoconhecimento adquiridos na escola

AFIRMAÇÕES	6º/7ºanos (9.060 respondentes)	8º/9ºanos (10.099 respondentes)
“Aumento os meus conhecimentos sobre as disciplinas”.	65%	66%
“O ambiente (espaço e convivência) é bom para todo mundo aprender”.	64%	53%
“Conheço mais sobre mim e as coisas que sei fazer.”	63%	53%
“Sinto que estou me preparando para as escolhas do meu futuro (ensino médio, faculdade, trabalho, carreira)”.	Não avaliado	63%

Fonte: Infográfico elaborado pela autora com base na Devolutiva da Escuta (2025)

A percepção de aumento de conhecimentos sobre as disciplinas é consistentemente alta em ambos os grupos. Contudo, a percepção de que o ambiente é bom para aprender e de que a escola ajuda no autoconhecimento diminui nos anos mais avançados. Para os estudantes do 8º e 9º anos, uma nova dimensão é introduzida, com uma parcela significativa (63%) sentindo que a escola os prepara para as escolhas do futuro.

Os dados sugerem que, à medida que os alunos avançam, a percepção de apoio pedagógico diminui, evidenciando a necessidade de estratégias que integrem aprendizado, autoconhecimento e preparação para a vida.

A categoria Participação explora o envolvimento dos estudantes e suas famílias nas decisões e atividades escolares (Tabela 10).

TABELA 10. Proporção dos estudantes que concordam com as afirmações sobre participação na escola

AFIRMAÇÕES	6º/7º anos (9.060 respondentes)	8º/9º anos (10.099 respondentes)
“Todos (direção, funcionários, professores e estudantes) podem participar de decisões do dia a dia da escola”.	69%	60%
“Famílias participam e acompanham atividades escolares”	55%	45%
“Aprendo sobre a sociedade”.	Não avaliado	59%
“Posso me expressar com liberdade”.	Não avaliado	40%

Fonte: Infográfico elaborado pela autora com base na Devolutiva da Escuta (2025)

A percepção de que todos podem participar das decisões diárias da escola é maior entre os estudantes mais jovens e diminui para os mais velhos. O acompanhamento e a participação das famílias também são percebidos como menores nos anos mais avançados. Essa queda evidencia a necessidade de políticas que ampliem o protagonismo estudantil, incentivem a liberdade de expressão e envolvam famílias no processo educativo.

Para os 8º e 9º anos, foram adicionadas afirmações que revelam a importância de aprender sobre a sociedade e a lacuna na percepção de liberdade de expressão. Tal resultado sugere que, embora a escola se constitua como espaço de transmissão e construção de conhecimentos voltados à compreensão da vida social, ela ainda apresenta limites quanto à promoção de condições que favoreçam o protagonismo juvenil.

Nesse sentido, a distância entre os índices analisados indica que o processo educativo pode estar priorizando a dimensão informativa sobre a sociedade, mas sem garantir plenamente a dimensão participativa e crítica da aprendizagem. Isso reforça a necessidade de práticas pedagógicas que estimulem a escuta ativa e a valorização da voz dos estudantes, elementos fundamentais para a formação cidadã e para a consolidação de uma cultura escolar democrática.

Em síntese, os dados fornecem um panorama detalhado e comparativo das percepções de estudantes do 6º/7º anos e 8º/9º anos sobre o que a escola representa. As variações observadas entre os grupos destacam a necessidade de abordagens pedagógicas e relacionais diferenciadas, que considerem as especificidades de cada fase do desenvolvimento adolescente.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das percepções e prioridades dos adolescentes acerca do ambiente escolar revela-se fundamental para a formulação de políticas públicas e de práticas pedagógicas voltadas à formação integral. Nesse horizonte, a escola deve transcender sua função de

espaço restrito à instrução formal, assumindo-se como um território de formação plena (LIBÂNEO, 2012), capaz de articular conhecimento, cidadania, cultura e afetividade. Trata-se de um movimento que fortalece o protagonismo juvenil e consolida práticas pedagógicas comprometidas com a transformação social.

As reflexões aqui apresentadas, fundamentadas nos relatórios da Semana da Escuta das Adolescências nas Escolas, reiteram a urgência e a relevância da Política Nacional Escola das Adolescências. A escuta qualificada, que mobilizou em Fortaleza 18.237 estudantes, evidencia a eficácia desse processo participativo, fornecendo subsídios para a reorganização curricular e pedagógica, bem como para o fortalecimento de vínculos no ambiente escolar.

Os resultados indicam que, ao reconhecer as múltiplas dimensões da identidade adolescente e responder às suas demandas por acolhimento e participação, a escola reafirma seu papel de promotora do desenvolvimento integral. Nessa perspectiva, as ações pedagógicas devem ser intencionais e sistematizadas, de modo a transformar vulnerabilidades em potencialidades, assegurando aprendizagens ativas, significativas e criativas.

A implementação de estratégias pedagógicas e de gestão baseadas na escuta dos adolescentes — centradas em um clima escolar acolhedor e em sua participação efetiva — constitui caminho promissor para a redução das desigualdades, o enfrentamento da evasão e do abandono escolar e a garantia de trajetórias educacionais exitosas. Tal processo demanda a elaboração de Planos de Ação Participativos e a consolidação de uma educação de qualidade com equidade.

De forma geral, os dados analisados reforçam a valorização da escola como espaço de convivência, socialização e expressão sociocultural. As categorias da seção “O que a escola representa para os estudantes” evidenciam que os adolescentes a reconhecem como lugar de pertencimento, bem-estar e desenvolvimento integral, em consonância com Dayrell (2007), que compreende a juventude a partir de sua inserção em múltiplos espaços sociais.

Ademais, o desenvolvimento do pensamento na adolescência, conforme destacado por Vygotsky (1931/2000), depende das condições culturais e sociais que estruturam as experiências juvenis. Ambientes que não oferecem desafios ou estímulos adequados limitam a realização das potencialidades cognitivas, enquanto contextos enriquecidos por práticas culturais e sociais ampliam significativamente o alcance do desenvolvimento intelectual. Assim, a apropriação de bens materiais e simbólicos revela-se determinante no processo de constituição psíquica, confirmando que a escola, quando articulada às dimensões culturais e sociais mais amplas, pode constituir-se em espaço privilegiado para a promoção de aprendizagens significativas e para o fortalecimento da cidadania juvenil.

6. REFERÊNCIAS

AUSUBEL, David. P. **Aquisição e retenção de conhecimentos: uma perspectiva cognitiva**. Lisboa: Plátano, 2003.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente: Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 13 jul. 1990. Disponível em:

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm#art266 Acesso em: 25 ago. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: https://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf Acesso em: 19 ago. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). **Documento orientador para docentes**. 2024. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/escola-das-adolescencias/copy_of_guia_professores_24abril.pdf Acesso em: 24 ago. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). **Documento orientador sobre a Semana da Escuta para gestores escolares**. 2024. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/escola-das-adolescencias/copy_of_guia_gestores_24abril.pdf Acesso em: 24 ago. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). **Guia de apoio ao desenvolvimento profissional das Equipes Técnicas de Secretarias de Educação**. 2024. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/escola-das-adolescencias/Guia2_MEC_AnosFinais_v03.pdf Acesso em: 8 ago. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). **Roteiro de devolutiva para gestores de escola**. 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/escola-das-adolescencias/roteirodevolutivagestorescolasfinal24set.pdf> Acesso em: 8 ago. 2025.
BRASIL. Ministério da Educação (MEC). **Roteiro de devolutiva para Redes**. 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/escola-das-adolescencias/roteiro-devolutiva-gestor-redes.pdf> Acesso em: 8 ago. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). **Roteiro Orientador de atividades: Semana da Escuta das Adolescências nas Escolas para 6º e 7º anos**. 2024. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/escola-das-adolescencias/copy_of_roteiro_6o_e_7o_290424.pdf Acesso em: 24 ago. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). **Semana da Escuta das Adolescências nas Escolas**. 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/escola-das-adolescencias/atividades-nas-escolas> Acesso em: 8 ago. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde (MS). **Saúde do Adolescente**. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/s/saude-do-adolescente> Acesso em: 25 ago. 2025.

CRESWELL, John W.; PLANO CLARK, Vicki L. **Designing and Conducting Mixed Methods Research**. 2. ed. Thousand Oaks: SAGE, 2011.

DAYRELL, Juarez. **A juventude e a escola**. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

DICIO – Dicionário Online de Português. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/> Acesso em: 29 ago. 2025.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LIBÂNEO, José Carlos. **Educação escolar: políticas, estrutura e organização**. São Paulo: Cortez, 2012.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MINAYO, Maria. C. S. **O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec, 2013.

SIEGEL, Daniel J. Cérebro Adolescente: **O Grande Potencial, a Coragem e a Criatividade da Mente dos 12 aos 24 Anos**. São Paulo: Editora nVersos, 2016.

VYGOTSKY, Lev. S.(1989). **A formação social da mente**. (J. C. Neto, L. S. M. Barreto, S. C. Afeche, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho originalmente publicado em 1935)

VYGOTSKY, Lev. S. (2000). **Obras escogidas IV**. (L. Kuper, Trad.). Madri: Visor. (Trabalho originalmente publicado em 1999).

